

## HUGO LOETSCHER: UM AUTOR DA GLOBALIZAÇÃO. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O SEU ROMANCE *DER IMMUNE*.

Micaela da Silva Marques Moura  
ISCAP  
Portugal  
micaela.marques.moura@gmail.com

### Resumo

Hugo Loetscher foi um dos poucos autores da literatura de expressão alemã que se ocupou de forma intensa com o fenómeno da globalização em toda a sua obra. O presente artigo procura, de forma sucinta, tecer algumas considerações sobre os aspetos mais importantes relacionados com esta temática no seu romance *Der Immune*.

Sem dúvida que a peça fundamental para o processo pessoal de globalização de Loetscher neste livro é a criação do tópico da imunidade. Porém, pretende-se também analisar outros aspetos que contribuem para esta questão estar tão presente nesta obra deste autor suíço.

### Zusammenfassung

Hugo Loetscher ist einer der wenigen deutschsprachigen Schriftsteller der sich eingehend mit der Globalisierung in seinem Werk auseinandergesetzt hat.

Im folgenden Artikel werden einige Erwägungen über das Thema Globalisierung in seinem Roman "Der Immune" gemacht. Grundlegender Aspekt für den persönlichen Prozess der Globalisierung Loetschers in diesem Buch ist, ohne Zweifel, die Kreation des Themas der Immunität. Aber es werden auch andere Aspekte analysiert, die zu dieser Thematik beitragen.

**Palavras-Chave:** Literatura suíça, Literatura de Viagens, Hugo Loetscher, Globalização

**Schlüsselwörter:** Schweizer Literatur, Reiseliteratur, Hugo Loetscher, Globalisierung

Hugo Loetscher (1929-2009) foi um dos poucos autores da literatura de expressão alemã que se ocupou desde cedo e de forma intensa com o fenómeno da globalização (Dewulf, 2005: 163). Esta preocupação está bem patente tanto na sua obra ficcional como jornalística.

Neste artigo serão feitas algumas considerações sobre o seu romance *Der Immune*<sup>1</sup>, uma vez que é considerado, por um lado, a sua obra mais importante e, por outro lado, pelo facto de a temática se inspirar na vida do autor<sup>2</sup>, na sua família e nas inúmeras viagens – feitas enquanto estudante e jornalista – que evoluíram para uma experiência do mundo global (“globalen Welterfahrung”) [Dewulf, 2010: 50].

Este romance é constituído por doze blocos narrativos, cada um separado por um pequeno texto, que apresenta um breve resumo dos acontecimentos dos capítulos do grupo precedente, introduzindo o tema comum aos capítulos do bloco seguinte. São capítulos independentes uns dos outros, não havendo linearidade narrativa.

A personagem principal é, tal como o título indica, o *Immune*. Ser imune significa “alguém que tem o privilégio de estar isento de uma coisa a que os outros estão sujeitos”<sup>3</sup>, ou em termos científicos, alguém que está “protegido contra uma doença particular através da inoculação de uma vacina”<sup>4</sup>. Todavia, este *Immune* não está de facto imune, mas é alguém que aspira vir a estar (Serrano, 1998: 52). É a sua maneira de sobreviver (davonkommen) nesta sociedade: “Wie es mir geht? Danke, ich komme davon. Ich bin ein Leben lang am Leben geblieben. (I: 446)”. Se ele não reagisse desta maneira teria morrido ao fim do dia, por causa dos seus sentimentos: “Hätte er voll und ganz mitempfunden an dem, was an einen Tag auf dieser Welt geschah, er hätte am Abend an seinen Gefühlen sterben müssen” (*Ibidem*: 40). Loetscher introduziu o conceito de imunidade na literatura como peça fundamental no seu processo pessoal de globalização. Apenas quem fica fechado numa

---

<sup>1</sup> Este romance será abreviado neste artigo por “I”.

<sup>2</sup> Hugo Loetscher nasce em 1929 na Suíça (Zurique) e provém de uma família proletária. A convivência na infância e na adolescência com muitos estrangeiros no bairro pobre de Zurique, onde vivia com a família, tem reflexos constantes na sua obra (Serrano, 1998: 2). Licencia-se em Ciências Políticas, Sociologia, História Económica e Literatura e já durante os seus tempos de estudante universitário tem oportunidade de trabalhar como jornalista para jornais suíços. Acabados os estudos definitivamente, inicia a sua carreira como crítico literário, redator, jornalista e escritor.

<sup>3</sup> cf. *Dicionário da Língua Portuguesa*, J. Almeida Costa e A. Sampaio Melo, 6.ª edição, Porto Editora.

<sup>4</sup> cf. *Dicionário de Enfermagem*, Morten Honnor, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1992.

aldeia consegue controlar os seus sentimentos. A partir do momento em que a aldeia se torna mundo, isto é, se torna global, qualquer sentimento se torna problemático (Dewulf, 2001: 517).

No entanto, o *Immune* não deixa de se preocupar com o mundo e com o que nele sucede (Serrano, 1998: 53). Antes pelo contrário, é alguém empenhado no mundo e, para expressar o seu empenho neste mundo, escreve. É por isso um intelectual que luta pela integração social: “(...) Intellektueller, der um die soziale Adaption ringt” (Sabalius, 1995: 124). A sua imunidade está, então, relacionada com a literatura (Dewulf, 1999: 17). Para este fenómeno Loetscher criou uma palavra: “Behaftbarkeit”, e que Sütterlin (1984) define como uma escrita responsável onde convergem o estilo e a moral.

Estreitamente ligada à temática da globalização está a multiplicidade de linguagens (“Vielsprachigkeit”) presente neste romance. Em cada capítulo o autor usa um tipo de linguagem diferente, que pode ir desde o registo utilizado em contos (“Märchen”) até à linguagem dos guias turísticos, passando por histórias de horror e a linguagem usada em manuais de instruções, mostrando assim a quantidade de linguagens existentes na nossa própria língua. Na opinião do autor, da mesma maneira que uma língua é constituída por várias linguagens, também no mundo existem vários mundos pequenos e analisa-os tanto geográfica como socialmente. Por isso, a personagem principal viaja por vários países e é também explanado que o narrador pode no seu próprio país pertencer a uma maioria (Suíços) ou pertencer a uma minoria (homossexuais) [Dewulf, 1999: 19]. A este propósito Rosmarie Zeller conclui que a principal característica inovadora da personagem “Immune” é a procura de uma língua redonda e global:

Loetscher muss zu besonderen Mitteln greifen, um uns diese Welt, die wir nur zu leicht mit Flugzeuggeschwindigkeit überfliegen, bewusst zu machen. Dafür stehen ihm die Vielsprachigkeit und das damit zusammenhängende Verfahren der Verfremdung zur Verfügung. Vielsprachigkeit in der eigenen Sprache bedeutet zu einen, die vielen vorhandenen Sprachen ausnützen, die Soziolekte genauso wie die Fachsprachen, zum anderen bedeutet es, neue Sprachen schaffen im Sinne des Immunen, der nach eine kugelförmigen Sprache verlangt, nach einer Sprache, die die Erdumdrehung mitmacht; die alles mit allem in Beziehung setzt. (Zeller, 1989: 1036)

O que certamente também contribui para a temática da globalização em Loetscher é o tema mais recorrente nas suas obras: a dicotomia Eu/ Outro. Segundo Sabalius, esta questão central deve-se tanto à própria situação cultural e social da Suíça como à própria personalidade do autor. Ele é um dos autores suíços mais viajados e mais cosmopolitas, e o seu interesse por outras culturas e modos de vida reflete-se nos seus textos (Sabalius, 1995: 2/3). O facto de Loetscher ser suíço também reforça a ideia do Outro, uma vez que é um país com uma multiplicidade de culturas e línguas. Por conseguinte, é muito fácil um suíço sentir-se um estranho (Serrano, 1998: 60).

Segundo Sabalius, o encontro com o Outro leva a um melhor conhecimento do Eu, porque somos levados a não absolutizar a nossa própria existência e vida, antes pelo contrário, vemo-la como uma possibilidade entre muitas. Além disso o encontro com o Outro possibilita o enriquecimento da própria personalidade através do alargamento dos horizontes da experiência e da consciencialização crescente da variedade da vida humana (Sabalius, 1995: 3/4).

Tal como Loetscher, o protagonista do romance *Der Immune* também é um intelectual suíço e cosmopolita, assim como a dicotomia anteriormente referida também vai acompanhá-lo durante toda a vida. Dele sabemos que vive em Zurique, para onde o seu pai, de origens rurais, se mudou e onde trabalhou. A família passa por constantes problemas financeiros que a afetam ao ponto de causar a separação entre a mãe e o pai.

A decisão de se tornar imune aconteceu na vida da personagem principal logo na infância. No capítulo “Die zweite Zeugung” é narrado como o pai do Imune regressa a casa completamente alcoolizado e, num ataque de cólera parte no chão da cozinha a loiça que o *Imune* tinha comprado para oferecer à mãe no seu aniversário. Em vez de se concentrar na loiça que tinha como função ser o presente de aniversário da mãe, a criança concentrou-se em singularidades de pouca importância (*Ibidem*: 99):

Der Junge sah nicht, wie das billige Geschirr auf dem Boden zerschlug. Ein Steingutgeschirr, das er im Warenhaus für den Geburtstag der Mutter gekauft und wofür ihm der Vater noch Geld gegeben hatte und das nun stückweise in Scherben ging.

Der Junge hielt sich zuerst an Einzelheiten [...] Diese Einzelheiten verloren ihren Zusammenhang und gingen ineinander über. Je gebannter der Junge zusah, desto unbeteiligter wurde er. [...] Zum ersten Male hatte der Junge gelernt, sich auszuschalten und nur zu schauen. (I: 47)

Em vez de não olhar, o *Immune* olha concentrado para os acontecimentos. Consegue, com esta alteração de atitude, ganhar distância em relação a esses mesmos acontecimentos. É este distanciamento que surge através do intelecto e é designado pelo *Immune* como *segunda procriação* (zweite Zeugung). Foi neste momento, e com a ajuda do seu intelecto, que ele nasceu como intelectual (Sabalius, 1995: 99).

Para Elsbeth Pulver uma das maiores virtudes deste livro é precisamente a criação deste distanciamento, que interpreta como uma arte de falar de si mesmo e ao mesmo tempo de manter a distância de si próprio: “(...) Loetscher hat in diesem Werk eine bewunderswerte Kunst entwickelt, von sich zu reden und zugleich Distanz zu halten. [...] Je näher der Autor sich selber kommt, desto grösser wird seine Distanz zu sich selbst.” (Pulver, AT: 1.11.1975)

Ao longo de toda a vida o *Immune* vai estar na posição do Outro. O primeiro encontro com o Outro dá-se quando, em maio de 1940, ele se refugia na aldeia do seu pai, para fugir ao pânico que se tinha instalado em Zurique, devido à invasão da Bélgica, da Holanda e do Luxemburgo por Hitler. Para a criança que tinha sido educada na cidade a aldeia parecia muito estranha. Mas não é só o *Immune* que tinha uma ideia errada da aldeia, também o professor da aldeia tem uma ideia errada de Zurique, denominando esta cidade de “Sündenbabel” (I: 64). Com as observações do professor a criança da cidade começa pela primeira vez a ter a noção dos pecados. Os encontros com o Outro não têm de modo algum como objetivo a nivelação das diferenças, antes pelo contrário pretendem a abertura e o alargamento da consciência do entendimento. Não se trata de eliminar as diferenças, mas sim de suprimir as duvidosas conotações de “estranho” e “conhecido”. Este encontro com o Outro dentro do próprio país também é mencionado no capítulo “Proletarier-Sightseeing”, onde se visita um bairro de trabalhadores de Zurique e que tem o propósito de dar a conhecer melhor a variedade da existência humana (Sabalius, 1995: 122/123).

O próprio Loetscher dividiu este processo de apreensão do Outro (“Fremderfahrungsprozeß”) da personagem principal do “Der Immune” em três níveis<sup>5</sup>. O primeiro deles é o encontro do *Immune* com um novo mundo e com todo o fascínio do desconhecido. O segundo nível é a descoberta, por parte dele, da realidade do país, que para o mero visitante é apenas a aventura e o exótico. O terceiro e último nível é o encontro com o que é familiar, através do conhecimento do mundo estranho (Loetscher, 1982: 81-88).

De seguida serão analisados brevemente os capítulos selecionados por Loetscher, nas suas palestras proferidas em Nova Iorque, para clarificar o que entendia pelo processo de apreensão do Outro.

Para ilustrar o primeiro nível, o autor escolheu o capítulo “Weg und den Amazonas hinauf”, onde é narrada uma viagem de barco de vários dias através da selva brasileira até Manaus. Esta viagem de barco, de Belém até Manaus, foi feita pelo próprio Loetscher em 1967. Todo o percurso é descrito de uma maneira muito exótica e, segundo Dewulf, só quem faz esta viagem é que nota que Loetscher a narrou num tom demasiado aventureiro. Por isso, e na opinião deste estudioso, o texto é extremamente irónico. Mas foi este o método encontrado pelo narrador para se imunizar literariamente contra o exótico (Dewulf, 1999: 108/109).

No início do capítulo, o narrador encontra-se na cidade de Belém, da qual transmite uma imagem bastante negativa. A cidade é descrita como sendo suja, pouco higiénica, pobre e com um clima quente, húmido e pouco saudável. A impressão que dá é que a cidade é dominada pela lei da natureza e não pela lei dos homens, o que lhe confere ares da selva. A viagem de barco em si é narrada de um modo muito confuso e os passageiros do barco são apresentados: um homem que procura borracha, uma prostituta, alguns estudantes, um cantor, um japonês, um tenente, um cientista da natureza, um casal de bancários, um missionário e um homem turco que tem como profissão enganar os outros. São geralmente pessoas que falharam na vida e que querem na Amazónia - noutra mundo - recomeçar a sua vida. Finalmente chegado à Amazónia, o narrador repara que a ameaça nesta zona é ainda

---

<sup>5</sup> Loetscher foi docente convidado no ano letivo 1981/82 na City University of New York (E.U.A.), onde proferiu palestras e acompanhou cursos de Literatura (Loetscher, 1982: 100).

maior do que em Belém. Aqui a lei da natureza ganha cada vez mais força e não é o homem que domina a natureza, mas sim a natureza que domina o homem.

Para exemplificar o segundo nível, que se refere à descoberta da realidade do país, por parte do narrador, que para o mero visitante é apenas a aventura e o exótico, Loetscher escolheu, na sua exposição, o capítulo “Ein Señor auf Reisen”.

Trata-se de um capítulo que nos narra três histórias diferentes no Brasil. Duas das histórias têm lugar no Rio de Janeiro e uma no Nordeste. No Rio é narrado a história de Daniel, que veio com o seu pai do Nordeste para o Rio, que começou como ladrão, mas que mais tarde conseguiu ingressar na Marinha. O símbolo para a sua ascensão social são os seus sapatos. A segunda história também se desenrola no Rio e tem como protagonista o próprio *Immune*, que foi convidado para uma recepção, onde uma colher de sopa estava no caviar. Porque se esqueceram de colocar o pão na mesa, os hóspedes do hotel aproximavam-se com uma palavra aos habitantes da favela, que se encontrava por trás do hotel. No episódio do Nordeste é contado como o *Immune* comprou sandes para a distribuir pelas crianças famintas, mas uma vez que elas se foram multiplicando o *Immune* teve de verificar que os bocados de sandes que distribuía iam ficando cada vez mais pequenos. Todas estas três histórias relatam a injustiça social e política que a personagem principal encontrou no Brasil. O *Immune*, porém, não procura as causas destas injustiças, nem dá conselhos para melhorar a situação, pretende apenas mostrar a vida difícil que os sul-americanos pobres têm. De sublinhar neste texto é que o que é narrado é através da perspectiva do *Immune*. Aqui, ao contrário do que acontece no capítulo “Weg und den Amazonas hinauf”, não é o exótico que está no centro, mas sim a injustiça social. Por isso em relação a esta mesma injustiça é necessário a imunização (Dewulf, 1999: 118). E esta imunização explica Dewulf, Loetscher consegue-a colocando o *Immune* na pele de um sul-americano, que vê através dos seus olhos e lhe dá voz. Deste modo este autor suíço distancia-se claramente do seu Eu neste conto autobiográfico. É precisamente através da perspectiva do *Immune* que consegue transmitir ao leitor, o que é a realidade sul-americana e assim confronta-lo com estas condições de vida, que não deixam ninguém imune:

In diesen kurzen Erzählungen über Lateinamerika ist es Loetscher tatsächlich gelungen, sich in die Lage der armen Lateinamerikaner zu versetzen. Hier ist der Immune nicht bloss ‘ein Auge’ für uns, er sieht auch mit den Augen und erzählt mit dem Mund der Lateinamerikaner. Auf diese Weise nimmt Loetscher in diesen deutlich autobiographischen Erzählungen sehr viel Distanz zu sich selbst. Gerade dadurch gelingt es ihm aber, den Leser über die Augen des Immunen mitten in die lateinamerikanische Realität zu ziehen und ihm auf diese Weise zwar indirekt, aber um so schärfer, mit Lebensumständen zu konfrontieren, die keinen immun lassen können. (*Ibidem*: 119)

O terceiro e último nível do processo da apreensão do Outro reflete-se no capítulo “Die Entdeckung der Schweiz”. Para Loetscher o mais importante era a imagem que tem do que lhe era familiar, a Suíça, depois de apreender o Outro, que aqui é abordado no paradigma do Brasil.

O capítulo sobre a descoberta da Suíça narra como aquando de uma visita à Colômbia, para assistir a um seminário de formação de professores, o *Immune* fora abordado por uma menina colombiana com a seguinte questão: “Wer hat die Schweiz entdeckt?” (I: 144). Depois de refletir um pouco sobre esta pergunta e de não ter encontrado nenhuma resposta, o *Immune* começa a imaginar como seria a descoberta da Suíça de um ponto de vista sul-americano. Com esta mudança na história dos descobridores, a Suíça familiar começou a ter uma estranheza exótica, porque, com a alteração de perspetivas, muitas aspetos do dia-a-dia europeu pareceram estranhos (Sabalius, 1997: 230).

Este terceiro nível - do encontro com o que é familiar, através do conhecimento do mundo estranho - por um lado faz-nos sorrir, e por outro lado, leva também à reflexão sobre o Eu e o que o rodeia. É isto que realmente é importante para o escritor Hugo Loetscher e é realçado por ele com esta divisão em três níveis da apreensão do Outro. Como confirma Sabalius: “Nun liegt es dem Autor jedoch fern, mit dem Gestus der Überlegenheit die Zustände in der Fremde zu bewerten. Vielmehr ist er daran interessiert, durch die Auseinandersetzung mit dem Anderen auch das Eigene zurückzuführen und es zu relativieren.” (*Ibidem*: 229). Isto é, Loetscher não pretende julgar o Outro, mas antes através do confronto com o Outro, tenciona regressar ao Eu e relativiza-lo.



Em suma, constatámos nesta análise relativamente à temática da globalização existente no romance *Der Immune* de Hugo Loetscher, que se trata de uma presença constante e que é um fenómeno que se espelha quer no tema, quer na diversidade de linguagens. Pudemos confirmar que de facto Loetscher não é um típico autor suíço, uma vez que tem uma obra híbrida e global, características bem visíveis no livro *Der Immune*. Corroboramos, por isso, a expressão cunhada por Dewulf (2001: 513) que Loetscher deveria ser designado como “mulato literário” e não como “autor suíço”, o que nos leva a esperar que a sua obra faça parte de uma literatura global.

### Referências bibliográficas

- DEWULF, Jeroen. (1999). *Hugo Loetscher und die 'portugiesischsprachige Welt' – Werdegang eines 'literarischen Mulatten'*. Bern: Peter Lang.
- DEWULF, Jeroen. (2001). “Sobre a «Mulatização» da Literatura – O caso do escritor Hugo Loetscher?”. *Revista da Faculdade de Letras, Línguas e Literaturas, Universidade do Porto*, II. Série, Volume XVIII, Porto. 511–522.
- DEWULF, Jeroen.; Zeller, Rosemarie. (2005). *In alle Richtungen geben. Reden und Aufsätze über Hugo Loetscher*. Zürich: Diogenes.
- DEWULF, Jeroen. (2010). “Die Kontinuität der Neuigkeit im Werk Hugo Loetschers”. *Colloquia Germanica Stetinensis Nr 18*. Szczecin: Uniwersytet Szczeciński. 41-58.
- LOETSCHER, Hugo. (1982). *How many languages does man need?* New York: Ed. Tamara S. Evans.
- LOETSCHER, Hugo. (1988). *Der Immune*. Zürich: Diogenes Verlag.
- LOETSCHER, Hugo. (1988). *Vom Erzählen erzählen*. Zürich: Diogenes Verlag.
- PULVER, Elsbeth. 1.11.1975. “Der Roman eines Intellektuellen – aber nicht nur für Literaten”, *Aargauer Tagblatt*.
- SABALIUS, Romey. (1995). *Die Romane Hugo Loetschers im Spannungsfeld von Fremde und Vertrautheit*. New York: Peter Lang.
- SABALIUS, Romey. (1997). “Fremderfahrung im Werk Hugo Loetschers”. *Fremdverstehen in Sprache, Literatur und Medien*, Hg. Ernest W.B. Hess-Lüttich, Christoph Siegrist, Stefan Bodo Würffel. Bern: Peter Lang Verlag. 225–237
- SERRANO, Sofia Luísa Rodrigues. (1998). *Temas e figuras portuguesas na obra de Hugo Loetscher*. Tese de Mestrado. Universidade de Coimbra.

STOOSS, Adelaide Maristela. (2009). *O Espaço Brasileiro e as (Im)possibilidades Utópicas nas Obras de Stefan Zweig e Hugo Loetscher*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná.

SÜTTERLIN, Georg. (1984). “Nachwort von Georg Sütterlin zum Hugo Loetscher Lesebuch”. *Das Hugo Loetscher Lesebuch*. Zürich: Diogenes Verlag.

VILAS-BOAS, Gonçalo. 1.11.1988. “Hugo Loetscher – Um escritor suíço entre nós”. *Letras e Letras*.

VILAS-BOAS, Gonçalo.(1988). “Der behaftete Davongekommene”. *Vom Erzählen erzählen*. Zürich: Diogenes Verlag. 181–188.

VILAS-BOAS, Gonçalo.( 2011). “Olhares suíços sobre Portugal: de Reynold a Loetscher”. *Cadernos de Literatura Comparada 24/25*, Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 137–188.

ZELLER, Rosmarie. (1989). “Vielsprachigkeit und Verfremdung im Werk Hugo Loetschers”. *Schweizer Monatshefte, Heft 12*. 1035–1043.